



ELEIÇÕES

A dança das cadeiras na Esplanada dos Ministérios, com a saída de ao menos 18 titulares de pasta, mostra que o Planalto entrou em modo eleitoral e vai engrenar a montagem dos apoios ante a cristalização do nome do senador como principal polo da oposição

Lula mira palanques regionais contra Flávio

» LUIZ CARLOS AZEDO

Com a campanha de Flávio Bolsonaro (PL) já nas ruas e a cristalização de seu nome como principal polo da oposição, a montagem dos palanques regionais virou o centro das preocupações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva com o fim do prazo de desincompatibilização. O chefe do Executivo continua sendo um candidato competitivo, mas já não pode operar apenas com a força do cargo, da máquina federal e da memória de seus governos anteriores.

O empate técnico com Flávio, captado por pesquisas recentes, mudou o cenário da disputa: deixou de ser uma eleição em que Lula administrava a vantagem e passou a ser uma eleição em que precisa reconstruir, estado por estado, a base política capaz de sustentar sua candidatura até o segundo turno.

A dança das cadeiras na Esplanada, com a saída de ao menos 18 ministros, e a substituição de boa parte deles por secretários-executivos, mostram que o Planalto entrou em modo eleitoral. Não se trata apenas de cumprir a legislação da desincompatibilização, mas de tirar o burrinho da sombra e engrenar a montagem de palanques.

Os ex-ministros Fernando Haddad em São Paulo, em companhia das ex-ministras Simone Tebet e, possivelmente, Marina Silva, em São Paulo; Rui Costa, na Bahia; Gleisi Hoffmann, no Paraná; Renan Filho, em Alagoas, além de outros nomes lançados ao Senado ou aos governos estaduais, são as peças do xadrez eleitoral de Lula para cercar Flávio com alianças regionais amplas.

Palanque de Paes

O peso do governo para ancorar candidaturas locais e produzir capilaridade eleitoral somente agora começou a ser efetivado. No Rio de Janeiro, esse esforço está mais adiantado. O palanque de Lula é o mais robusto do Sudeste, com a saída de Eduardo Paes da prefeitura para disputar o governo estadual, movimento que o transforma na principal aposta do campo governista num estado decisivo

Ricardo Stuckert / PR



O empate técnico com Flávio, captado por pesquisas recentes, mudou o cenário da disputa: deixou de ser uma eleição em que Lula administrava a vantagem

» Senador pede união

Pré-candidato à Presidência, Flávio Bolsonaro pediu, em vídeo, que os políticos da direita parem de se "digladiar" e foquem no futuro do país. A fala ocorreu depois que seu irmão, o ex-deputado Eduardo Bolsonaro, e o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) trocaram hostilidades. O embate foi desencadeado após Nikolas reagir com uma risada ("kkk") em uma publicação de Eduardo. A reação foi interpretada pelo ex-deputado como deboche, levando-o a afirmar que o deputado mineiro estava agindo com desrespeito.

e politicamente complexo. Paes lidera cenários para o governo fluminense desde o fim de 2025, em terreno no qual a direita tem densidade popular, presença midiática e forte conexão simbólica com a família Bolsonaro.

O Rio é reduto afetivo e base política de Flávio, mas também um estado em que a eleição local tende a ser mais pragmática do que ideológica. É aí que Paes joga um papel decisivo, pois encabeça um bloco amplo de forças, capaz de reunir centro, centro-esquerda e segmentos moderados da máquina municipal e estadual. Para o presidente, consolidar esse palanque é estratégico, porque reduz o isolamento do PT no estado e impede que a campanha de Flávio transforme o Rio numa alavanca de sua eleição. devido

Reprodução/YouTube



mais difícil, mesmo com todo o peso do Nordeste.

Chave de Minas

É em Minas Gerais, contudo, que se trava a batalha mais estratégica. A filiação do senador Rodrigo Pacheco ao PSB abriu caminho para que ele se torne o candidato de Lula ao governo mineiro, mas isso ainda depende de uma construção partidária mais ampla, porque o próprio parlamentar condiciona sua entrada na disputa a um arranjo de consenso com outras forças, inclusive MDB e União Brasil. Minas não interessa ao Planalto apenas pelo tamanho do eleitorado; interessa porque costuma sintetizar a média política do país. Quem vence em Minas, aproxima-se do Planalto; se perde, sua situação nacional se complica.

Por isso, Lula buscou Pacheco, um nome que pode reduzir a rejeição ao PT, dialogar com o centro político e atrair setores não lulistas para a base governista. O ex-presidente do Senado é moderado, institucional, não carrega o peso simbólico do petismo e pode oferecer ao presidente um palanque mais amplo do que um candidato orgânico do PT ofereceria. Mas a operação mineira é também arriscada, como diria o velho Riobaldo, viver é muito perigoso e o diabo sempre aparece no meio do redemoinho.

Romeu Zema saiu do governo para disputar a Presidência e seu vice, Mateus Simões, tende a representar a continuidade de seu governo no estado; além disso, a direita mineira dispõe de nomes competitivos e o PL ainda vive incertezas sobre o papel do deputado Nikolas Ferreira e a melhor configuração de sua chapa local.

O quadro geral mostra que a disputa entre Lula e Flávio está se "territorializando". A eleição, assim, deixa de ser apenas um confronto nacional entre lulismo e bolsonarismo no Parlamento e nas redes sociais e passa a ser uma guerra de posições eleitorais nos estados. Quem conseguir transformar candidaturas estaduais em tração presidencial sairá na frente. Hoje, Flávio tem o ímpeto da rua; Lula tenta responder com a engenharia dos palanques. O desfecho dependerá de quem articular melhor essa ponte entre o local e o nacional.

ao capital político da família, da memória do governo Bolsonaro e do discurso de segurança pública, que ali encontra centralidade.

Tarcísio favorito

Em São Paulo, a equação é mais difícil para Lula porque o estado concentra o maior colégio eleitoral do país e abriga um governador, Tarcísio de Freitas, que lidera todos os cenários relevantes para a reeleição. A saída de Haddad da Fazenda para disputar o Bandeirantes confirma que o presidente decidiu enfrentar o favoritismo de Tarcísio com uma candidatura de alta identidade programática e forte ligação pessoal. Mas Haddad, sozinho, não resolve o problema. Por isso, a ideia de compor um palanque

com nomes como Simone Tebet e Marina Silva para o Senado revela uma tentativa de ampliar o espectro da aliança, agregar centro e centro-esquerda e sinalizar moderação ao eleitor paulista.

Lula precisa ao menos construir em São Paulo um palanque robusto, plural e nacionalmente defensável, que sustente sua votação presidencial e evite uma derrota arrasadora no estado. Tarcísio combina atributos difíceis de neutralizar: tem o governo nas mãos, lidera as pesquisas, dialoga com a direita moderada e, ao mesmo tempo, preserva suas ligações com o bolsonarismo. São Paulo é o principal reduto bolsonarista do Sudeste. Lula trabalha para não ser esmagado nele. Sem um desempenho competitivo em São Paulo, a reeleição fica muito

11 governadores renunciam

» IAGO MAC CORD

O cenário político passou por uma reconfiguração com o encerramento do prazo legal, no sábado, para a desincompatibilização, exigência da lei eleitoral para os que ocupam cargo nos Executivos e querem se candidatar em outubro — objetivo é garantir o equilíbrio da disputa e evitar o uso da máquina pública. Ao todo, 11 governadores renunciaram aos mandatos.

No Amazonas, o governador Wilson Lima (União) entregou a renúncia apenas uma hora antes do fim do prazo. A formalização ocorreu às 23h de sábado, no limite do horário permitido para o prazo de desincompatibilização. O vice, Tadeu de Souza (Avante), também entregou o cargo. As cartas de renúncia, escritas a mão, foram publicadas em uma edição extra do Diário Oficial da Assembleia Legislativa do Amazonas

(Aleam). Com a vacância dos dois postos do Executivo, o presidente da Assembleia Legislativa, Roberto Cidade (União), assumiu o comando do estado.

Embora a carta não especifica o cargo, o agora ex-governador confirmou ao **Correio** que deve concorrer a uma das duas vagas do Amazonas ao Senado Federal.

Entre os que deixaram os postos, dois miram o Palácio do Planalto. Ronaldo Caiado (PSD), de Goiás, já se colocou como pré-candidato à Presidência da República. Em Minas Gerais, Romeu Zema (Novo) também se despediu da função após dois mandatos consecutivos e sinalizou intenção de entrar na disputa nacional, embora ainda não tenha oficializado a candidatura.

A maior parte, no entanto, volta os olhos para o Senado. Oito ex-governadores optaram por renunciar para tentar uma vaga na Casa legislativa: Ibaneis Rocha (MDB-DF),

Wilson Lima (União-AM), Gladson Cameli (PP-AC), Renato Casagrande (PSB-ES), Mauro Mendes (União-MT), Antonio Denarium (PP-RR), Helder Barbalho (MDB-PA) e João Azevêdo (PSB-PB).

No Rio de Janeiro, a saída de Cláudio Castro ocorreu um dia antes da condenação dele pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), por abuso de poder. O Supremo Tribunal Federal decidirá, em julgamento na quarta-feira, se o estado passará por eleições diretas ou indiretas para um mandato-tampão (leia reportagem na página 3).

O calendário eleitoral avança, agora, para as próximas etapas. As convenções partidárias, responsáveis por oficializar candidaturas e alianças, estão previstas para ocorrer entre 20 de julho e 5 de agosto. Já o prazo final para registro das candidaturas termina em 15 de agosto. As eleições de primeiro turno estão marcadas para 4 de outubro.

Escritor se lança pré-candidato à Presidência

Internet



» O Avante anunciou, ontem, o escritor e psiquiatra Augusto Cury como pré-candidato à Presidência da República pela sigla. A informação foi divulgada nas redes sociais do deputado federal e presidente nacional do partido, Luis Tibé, e do próprio Cury. No vídeo, o pré-candidato destaca números de sua trajetória como autor best-seller. Em seguida, aparece ao lado de Tibé abordando temas como segurança alimentar, empreendedorismo, remuneração de policiais e professoras, além da polarização política. "Meu objetivo é contribuir para a construção do Brasil dos nossos sonhos. Não amo o poder, não preciso do poder e não busco o poder pelo poder. Não se trata de um projeto pessoal, mas de uma jornada — uma jornada 100% baseada em projetos e 0% de ataques pessoais", afirmou Cury na legenda da publicação. Já o presidente do Avante afirmou que "é hora de pensar grande", ao anunciar o nome de Cury. "O povo brasileiro não aguenta mais essa polarização, e é preciso virar essa página com alguém que consiga fazer o país avançar com prosperidade e qualidade de vida", acrescentou. Como autor, Cury vendeu mais de 40 milhões de livros, publicados em mais de 70 países, segundo o perfil no site dele. Está listado entre os principais credores do grupo Fictor, com R\$ 31,5 milhões a receber. O grupo ganhou os holofotes em novembro do ano passado ao anunciar intenção de compra do Banco Master, um dia antes de a instituição ser liquidada pelo Banco Central.